# GILLETTE & L'ORÉAL,

# WOMEN USA

## VOL. IV

Missouri • Montana • Nebraska • Nevada
New Hampshire • New Jersey
New Mexico • New York



FERDINANDO FREGA

# GILLETTE & L'ORÉAL, WOMEN USA — VOL. IV



*Missouri, Montana, Nebraska, Nevada, New Hampshire, Nova Jersey, Novo México, estado de Nova York. A quarta etapa da travessia americana, das planícies até a costa leste.*

### *Capítulo Zero — abertura comum*

*Este capítulo de abertura é comum aos seis volumes de Mulheres dos Estados Unidos. Está reproduzido aqui na íntegra, e recolhido para que a série possa ser lida em sequência sem repetições.*

## CAPÍTULO ZERO

Aqui, o mundo não é um território: é um limite. O Polo Norte não acolhe, não perdoa, não deixa margem para o erro. O branco reina como uma entidade absoluta, silenciosa e sem memória. A temperatura não é um dado meteorológico: é um predador. A noite dura meses, esmaga os pensamentos, distorce os contornos das pessoas, engole a vontade delas.

As comunidades são poucas, pequenas e fechadas. Inuítes, yupiks, povos árticos vivem onde ninguém escolheria ficar. Aqui, cada indivíduo é essencial para a sobrevivência do grupo. Se você não é útil, vira um fardo. E quem vira fardo desaparece no silêncio, na neve, na lógica de um ambiente que não faz concessões.

As bases científicas acrescentam outro tipo de frio: o das hierarquias. Aqui, uma mulher é uma presença rara, uma

anomalia que precisa se adaptar ou sucumbir.

Neste lugar, o conceito de “desaparecimento” não existe. Existe só o branco que apaga tudo.

### *Mulheres inuítes e yupiks*

A menina ártica não é mimada: é preparada. Aprende cedo a resistir ao frio, à escuridão e à fome. Precisa se tornar útil para o clã, porque aqui a identidade não é pessoal. É funcional. A mulher carrega o peso da família e da comunidade: comida, fogo, filhos, peles, cuidados. Ninguém fala de direitos. Ninguém fala de fragilidade. A depressão existe, mas não tem nome. A violência existe, mas não tem testemunhas.

### *A mulher das bases científicas*

Instruída, competente, acostumada à disciplina. Chega como pesquisadora, técnica e médica. Descobre logo que o Polo Norte não reconhece diplomas. Aqui, só conta a dureza mental. As hierarquias masculinas a dominam, e qualquer sinal de fraqueza é interpretado como fraqueza. É um ambiente onde a força não basta: exige-se um autocontrole extremo.

### *A mulher ocidental “de fora”*

Criada em liberdade, chega achando que pode vencer o frio. Mas o lugar a quebra: solidão, espaços minúsculos, silêncios sem fim. As bases não são comunidades, são mecanismos. E uma mulher, dentro de um mecanismo projetado por homens, precisa lutar para não desaparecer.

### *A viagem até o fim do mundo*

Meu vizinho, Antonio, conhecido como Nino, falava havia anos do Cabo Norte, do sol da meia-noite, dos meses sem escuridão. Era

um sonho que ele guardava no bolso, como uma coisa impossível. Numa manhã de maio, toquei a campainha dele e disse só isto: "Faça a mala. Volto daqui a uma hora. Estaremos de volta em 30 dias." Ele me olhou, surpreso, feliz. A mulher dele, preocupada, perguntou quais eram os nossos planos. "Correr atrás de um sonho", respondi.

Entramos no carro. Nossas mulheres nos olhavam como se fôssemos loucos. Mas esta viagem era real. Nino já estava cheio de perguntas. "Para onde vamos? Quanto dinheiro devo levar?" "Relaxe", eu lhe disse. "Chegamos em 54 horas. Só 5.000 km. Estamos no Range Rover novo. Aproveite a viagem."

A cada 300 km eu tinha que parar: ele, doze anos mais velho que eu, tinha o seu próprio ritmo. Eu tinha água e líquidos; ele tinha café e necessidades físicas. E quanto mais avançávamos, mais ele falava da sua vida. Coisas que eu nunca teria sabido se não fosse aquela estrada sem fim.

Dois homens sozinhos num carro falando sempre de mulheres. Ele só tinha conhecido a esposa. Eu ri. Eu o tranquilizei: "Nós somos do mesmo jeito."

Ele me perguntou como eu conseguia continuar lúcido dirigindo 60 horas. Contei a ele sobre a Rússia, quando aos 22 anos dirigi 51 horas para encontrar uma mulher que eu nunca tinha visto. "As distâncias não são limites", eu lhe disse, "são desculpas. Eu nunca tive nenhuma."

### *A chegada ao branco*

Entramos na Noruega. Um albergue na estrada. Deixaríamos o carro ali e seguiríamos de trenó.

A guia estava toda coberta, impenetrável. Quando tirou os óculos, descobri que era uma mulher. Uma norueguesa, calada, direta, glacial. Nino no meio do trenó, ela na frente, eu com meus 190 cm atrás, fechando a fila.

Ainda era dia. O relógio marcava a hora, mas não me dizia se era noite ou manhã. Era o sol da meia-noite. Tínhamos chegado ao Cabo Norte.

Nino chorou. Me abraçou. Eu lhe disse, rindo: “Cuidado… o pessoal pode achar que somos gays.” Rimos, mas estávamos no fim do mundo.

Depois veio o gelo: –52 °C.

### *A entrada no verdadeiro Ártico*

Nos levaram a um contêiner de metal para trocar de roupa. Macacões pesadíssimos, acolchoados, fechados com zíperes complicados.

Paguei pela guia. Nino ficou num iglu com alguns homens; eu fiquei em outro com uma família: um velho, entre 70 e 80 anos, e três mulheres entre 30 e 50.

Era um mundo fechado. Simples. Brutal.

O homem ficava de lado. As mulheres davam o ritmo. E o banheiro era um morrinho a cinco metros do iglu: o cocô congelava antes de tocar o chão. Meu primeiro xixi virou uma estrela ártica amarela. Era o Norte me cumprimentando.

A mulher de meia-idade, Magi, falava um pouco de inglês. O resto eram gestos, olhos, mãos. A língua do frio.

Quando eu não sabia direito como usar o macacão, ela, sem pensar, tocou minha virilha para me mostrar um zíper escondido.

Não havia malícia, nem constrangimento: só função. Sobrevivência.

### *Os três dias no iglu*

Trouxeram comida. Peixe defumado, peixe cru, fígado de bacalhau, barriga de baleia. E bolinhas de tubarão. Não havia escolha. Não havia alternativa. Era o que a natureza oferece.

Depois bebi: um líquido vermelho. Achei que era vinho. Era sangue de baleia filtrado, fervido, adoçado. Bebi. Me deu uma força que eu nunca tinha sentido. Uma energia primordial. Achei que era cocaína. Não. Era o Norte entrando no corpo.

As mulheres me observavam. O velho saía para caçar. Eu descansava e bebia sangue. Três dias sem telefone, internet, computador, sem Nino. Só eu e elas.

Não havia noite. Só luz, fogo, gelo e respiração.

As três mulheres se deitaram para dormir. Procurei um lugar. A mais nova levantou o braço e me fez sinal para chegar mais perto. Elas caíram na risada. Eu não entendi. Disseram que eu era o "Natal" delas.

Um jeito de dizer que eu tinha sido aceito.

Tentei dar a elas algum dinheiro para agradecer. Recusaram. Só queriam um abraço. E algumas palavras em calabrês para se sentirem mais perto.

Ali entendi o valor dos verdadeiros presentes: os que não se compram nem se vendem.

### *A despedida da guia*

Depois de três dias, a guia chegou. Falou com as três mulheres durante uma hora. Eu estava lá fora. Não entendia o que diziam. Não era da minha conta. Era a língua delas, o mundo delas, a lei delas.

No contêiner, enquanto eu me despia, a guia entrou. Curiosa. Direta. Nórdica. Me abraçou com força. Me beijou. A pele dela era branca como leite. Os olhos, azuis como o céu de agosto.

Ela me pediu que a levasse embora. Teria feito qualquer coisa para sair daquele mundo.

Sorri com respeito. Eu não podia. Não devia.

Deixei a ela só uma promessa: “Se precisar de alguma coisa, me escreva uma carta. Eu ajudo você.” Ela recusou até o dinheiro. Era uma mulher linda, mas sozinha. Uma solidão que não se vê de longe. Uma solidão que o frio não perdoa.

### *A volta para casa*

Fomos buscar Nino. Ele estava radiante. Não queria voltar. Mas eu tinha um compromisso com a mulher dele.

Ele contou a todo mundo os seus três dias. Eu fiquei calado. Nunca compartilhei nada com o homem. Só com o papel.

E assim, enquanto Nino voltava para o seu mundo, eu já estava a caminho de outro. Outro destino. Outro encontro.

Bem-vindo.

Epílogo

***O Norte não leva você: ele transforma você. E nunca***

devolve você inteiro. Os homens vão ao Polo Norte em busca de luz, de silêncio, de fotografias, de sonhos. As mulheres ficam para sobreviver.

Os homens contam o que viram. As mulheres calam o que viveram.

Os homens voltam. As mulheres ficam. Ficam no frio, nas casas de neve, em silêncios que ninguém ouve. Ficam para sustentar comunidades que não as celebram. Ficam para proteger crianças, velhos, estranhos. Ficam invisíveis.

Trouxe de lá uma única lembrança: uma mulher linda, incrivelmente linda, mas sozinha. Não no sentido romântico. No sentido humano. No sentido trágico.

## *Reflexão*

O Norte não mata o corpo. Mata a presença. E o que resta é o branco: um lugar onde as mulheres vivem e desaparecem ao mesmo tempo.

É por isso que escrevo. Porque os lugares extremos não contam a própria história. E quem os atravessa não pode se dar ao luxo de ficar calado.

Eu não. Eu não. Minha terra me deu à luz, e o resto do mundo me acolhe não como hóspede, mas como alguém da família.

Do branco absoluto do Norte, desci para a confusão absoluta dos Estados Unidos.

## ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

### *A missão impossível*

Trabalhar dezoito anos para uma empresa americana dá a você algo que nenhuma outra empresa no mundo consegue dar: uma cultura de trabalho, procedimentos, uma missão clara e um sistema de valores que não são teoria — são prática diária. Eles não explicam esses valores a você; eles os constroem em você. E fazem isso sem pedir a sua permissão.

Eu estava no escritório de Nova York quando me ofereceram um trabalho que eu nunca tinha imaginado. Não uma promoção. Não uma transferência. Um experimento.

Um programa confidencial, criado para validar um modelo de relações humanas dentro dos Estados Unidos. Não tinham escolhido gerentes, psicólogos nem instrutores. Tinham escolhido pessoas com um certo tipo de experiência real. E o meu nome apareceu — mesmo eu estando em vendas havia dezoito anos. Eles não olhavam o cargo: olhavam a mente.

O teste era simples de explicar e dificílimo de cumprir:

visitar os 50 estados americanos em um ano, escolhendo eu mesmo as cidades e ficando pelo menos uma semana em cada uma.

As duas últimas semanas seriam férias obrigatórias. Eles cobririam todas as despesas. Eu só tinha que viver, observar, entender e entregar um relatório toda segunda-feira. Um relato humano, seco, preciso.

Assinei o contrato. Avisei em casa. Não perguntaram nada. Só queriam saber se as provisões do mês tinham chegado. Eu estava

prestes a enfrentar um ano na América. Elas, como sempre, estavam enfrentando o mês seguinte.

Por precaução, o meu salário era depositado direto na minha conta bancária na Itália. Era um jeito educado de me dizer: “Não faça besteira. Viva com o que você tem. Vamos ver quem você é de verdade.”

Só quinze anos depois tive acesso aos meus relatórios originais, às análises e ao material que tinham reunido sobre mim. Este livro nasceu daí. Obtive a autorização para publicá-lo, com uma condição: nunca dizer o nome da empresa que o encomendou.

Não importa. Esta história não é sobre logotipos. É sobre um homem num país impossível de entender a menos que você o viva na própria pele.

### *Começo pelo ponto mais distante?*

A escolha lógica era começar pelas margens, não pelo centro. Por dois motivos simples:

1. Eu tinha acabado de sair do experimento: lucidez alta, atenção máxima.

2. Começando pelo extremo, eu podia corrigir a rota e terminar a viagem de forma limpa.

Eu não precisava começar por Boston ou Chicago. Precisava começar por uma fronteira. Por um lugar que só era América no papel.

Escolhi Juneau, a capital do Alaska. Isolada. Alcançável só de barco ou de avião. Uma cidade que não pertence a ninguém. O lugar perfeito para começar.

### *Otimizar os recursos*

Antes de partir, fiz aquilo que um americano respeita acima de tudo: me organizei como um profissional, não como um turista.

Liguei para três das companhias aéreas mais populares, as que têm as maiores redes domésticas. Em menos de uma hora, comprei um carnê de cinquenta voos domésticos com 60% de desconto.

Sem limite de tempo. Sem limite de dias. Sem restrições. Só uma condição: usá-los dentro de um ano.

Fiz o mesmo com as redes de hotéis, o Uber e as locadoras de carros, e depois preparei um cronograma de verdade das etapas, dos meios, mas não dos horários.

Eu estava pronto.

Foi o meu primeiro sucesso de verdade. O primeiro sinal de que eu sabia me mover. A América recompensa quem age, não quem espera.

Quando a empresa viu a transação, fez o que a cultura americana sempre faz: verificou a confiabilidade.

Eu era capaz de administrar um ano de deslocamentos constantes? Era capaz de lidar com imprevistos, distâncias e emergências? Era independente?

Por isso, antes de partir, acertei outro detalhe crucial:

Garanti um limite mensal de pelo menos 100.000 dólares no meu cartão de crédito.

Não era para ser gasto. Era para demonstrar que eu sabia administrá-lo. Os americanos pensam assim: se você não tem

autonomia, não tem liberdade. E se não tem liberdade, não pode ser avaliado.

A partir daquele momento, o programa deixou de ser uma tarefa. Virou uma missão.

## E AGORA VIAJAMOS DE VERDADE

O Alaska faz parte dos Estados Unidos só pela geografia. É outro mundo.

É o lugar onde as mulheres desaparecem sem deixar rastro. Onde uma denúncia nunca chega ao destino. Onde as cidades são apenas ilhas civilizadas no meio de um continente selvagem.

Juneau foi o meu primeiro teste: uma capital sem estradas que a liguem ao resto do país. Um pedaço da América que não parece América.

Aqui comecei a entender uma coisa: a viagem não seria geográfica. Seria humana.

### *BLOCO 1 (Volume I)*

Alabama – Alaska – Arizona – Arkansas – Califórnia – Colorado – Connecticut – Delaware – Flórida – Geórgia

### *BLOCO 2 (Volume II)*

Havaí – Idaho – Illinois – Indiana – Iowa – Kansas – Kentucky – Louisiana – Maine – Maryland

### *BLOCO 3 (Volume III)*

Massachusetts – Michigan – Minnesota – Mississippi – Missouri – Montana – Nebraska – Nevada – New Hampshire – Nova Jersey – Novo México

### *BLOCO 4 (Volume IV)*

Nova York – Washington

### *BLOCO 5 (Volume V)*

Carolina do Norte – Dakota do Norte – Ohio – Oklahoma – Oregon – Pensilvânia – Rhode Island – Carolina do Sul

### *BLOCO 6 (Volume VI)*

Dakota do Sul – Tennessee – Texas – Utah – Vermont – Virgínia – Virgínia Ocidental – Wisconsin – Wyoming

## MISSOURI

O Missouri é um estado cheio de contradições. De um lado, o Meio-Oeste tranquilo; do outro, um Sul que nunca deixou de ser duro. É um dos territórios mais divididos dos Estados Unidos: St. Louis e Kansas City com bairros difíceis, subúrbios brancos que existem num mundo paralelo, zonas rurais pobres e lentas, e um sistema político que fala muito mas resolve pouco.

É o estado da normalidade que esconde o mal-estar, do sorriso superficial que encobre problemas sérios, e do "está tudo bem" mesmo quando nada está bem.

As mulheres aqui não desaparecem numa explosão. Desaparecem sob uma pressão constante: família, trabalho, tradição, pobreza, violência de fundo, um sistema de saúde frágil.

O Missouri apaga as mulheres com o costume. Todos esperam que ela aguente. E ela aguenta até desaparecer de si mesma.

### *A mulher de St. Louis – 35 anos*

St. Louis é uma cidade que existe em dois mundos: um rico de história, o outro preso na violência, no abandono e na desigualdade racial.

A mulher aqui enfrenta três problemas ao mesmo tempo: – bairros perigosos – escolas frágeis – salários baixos.

Trabalha nas redes essenciais da cidade: – clínicas – supermercados – assistência – alimentação – ensino básico.

Ela sustenta o que o sistema não consegue sustentar. E enquanto sustenta tudo, ninguém a sustenta.

A ausência dela é urbana: não tem voz na reconstrução da cidade, mesmo sendo ela quem administra cada crise do dia a dia.

### *A mulher dos subúrbios "perfeitos" – 40 anos*

Fora das grandes cidades há subúrbios que parecem impecáveis: ruas limpas, boas escolas, casas arrumadas.

A mulher aqui não é pobre, mas não é livre.

Precisa manter: – uma imagem familiar elevada – filhos impecáveis – presença social constante – agenda cheia – um casamento "sem manchas" – um padrão de vida que nunca pode cair. A pressão é silenciosa e constante. Ela não pode desmoronar. Não pode desacelerar. Não pode mostrar fragilidade.

A ausência dela é mental: existe apenas como papel, não como pessoa.

### *A mulher rural – 49 anos*

O interior do Missouri é lento, conservador e fechado. As casas ficam longe umas das outras, os serviços são mínimos e as

tradições pesam.

As mulheres aqui vivem num mundo que muda extraordinariamente pouco: – empregos precários – acesso precário à saúde – famílias numerosas – dependências espalhadas – igrejas que controlam a vida social – pouca possibilidade de sair do papel.

É uma vida de obrigações sem escolhas. Se você tem um problema, resolve sozinha. Se você desmorona, ninguém percebe.

A ausência dela é geográfica e cultural: ela desaparece na distância e na tradição.

### *A mulher da indústria e do trabalho manual – 37 anos*

O Missouri tem uma presença enorme de indústrias médias: armazéns, coordenação, linhas de montagem, fábricas.

As mulheres aqui fazem trabalho físico pesado: – embalagem – linhas de produção – turnos noturnos – movimentação de cargas – controle de qualidade – assistência à coordenação.

Corpos desgastados, ganhos baixos, horários impossíveis. É um trabalho de que o estado precisa, mas totalmente invisível. A ausência dela é física: ela se quebra e não tem ninguém que intervenha.

### *Epílogo – Missouri*

O Missouri é um estado que prospera numa normalidade aparente. E na normalidade as mulheres se perdem.

Ela administra bairros difíceis, subúrbios hipersociais, fábricas duras, um interior que anda devagar.

Cada dia é uma batalha silenciosa. E as batalhas silenciosas são as mais destrutivas.

O Missouri não elimina as mulheres com um golpe só. Elimina-as com hábitos que ninguém jamais questiona.

### *Reflexão – Missouri*

Cada estado do volume mostra um tipo de ausência. O Missouri mostra a ausência "silenciosa": aquela que nasce da rotina, das expectativas sociais, do esforço de ter que ser tudo para todos.

Aqui, as mulheres são a cola invisível que mantém unida cada classe social. Estão em toda parte. E é justamente por isso que ninguém as vê.

O Missouri ensina que o apagamento não exige ódio nem conflito. Basta que uma sociedade inteira dê por certo que as mulheres sempre estarão lá.

E é por isso que este capítulo é fundamental: para lembrar que a normalidade, quando não é sustentada, se torna uma armadilha.

## MONTANA

Montana é pura imensidão: montanhas enormes, estradas sem fim, florestas sem fim, casas isoladas, invernos que cortam a pele. É um dos estados mais bonitos dos EUA. E um dos mais duros para se viver.

Aqui, as mulheres não desaparecem por causa de conflitos. Desaparecem por causa da geografia, do isolamento, de uma mentalidade rural e da solidão emocional. É um estado onde o silêncio pesa mais que o barulho.

Montana exige resistência. E as mulheres são as que precisam resistir por todos.

### *A mulher dos rincões isolados – 51 anos*

Aqui você pode morar a 30 km da loja mais próxima. A uma hora da clínica mais próxima. A duas horas de um hospital de verdade.

As mulheres que vivem nessas áreas enfrentam: – frio extremo – nenhuma ajuda imediata – problemas de saúde ignorados – casas velhas para manter – responsabilidade total pela família – medo concreto de ficar isolada.

A ausência dela é geográfica: ela desaparece porque vive onde nada chega.

### *A mulher das famílias de rancho – 39 anos*

Montana vive da pecuária. Gado, cavalos, animais grandes e trabalho físico.

A mulher aqui faz tudo: – ajuda com os animais – cozinha para todos – cuida das contas – dirige veículos – enfrenta as emergências – cria os filhos no meio do nada.

Trabalha como um homem, mas é considerada “uma presença da família”. A ausência dela é econômica: produz valor, mas não aparece em lugar nenhum.

### *A mulher das cidades pequenas – 44 anos*

Nas cidadezinhas de Montana, o tempo para. As comunidades são pequenas, todo mundo conhece todo mundo, e ninguém muda.

Uma mulher precisa: – ser mãe – ser confiável – não “dar escândalo” – ser devota – estar sempre disponível.

Ela não pode se reinventar. Não pode ultrapassar os limites da sua cultura. Não pode mostrar fragilidade.

A ausência dela é social: ela não pertence a si mesma, mas à comunidade.

### *A mulher que trabalha no turismo de natureza – 33 anos*

Montana atrai turistas com seus parques, seus lagos e o vizinho Yellowstone. Por trás dos cartões-postais há mulheres que tocam hotéis, restaurantes, atividades ao ar livre, manutenção, coordenação e limpeza.

Turnos pesados, salários sazonais, vida em áreas remotas. Nenhuma estabilidade.

A ausência dela é econômica: o setor vive dela, mas ela nunca vive em paz.

### *Epílogo – Montana*

Montana é uma mistura de natureza deslumbrante e solidão feroz. As mulheres aqui desaparecem na distância: física, emocional e cultural. São elas que mantêm de pé casas isoladas, ranchos, famílias, cidadezinhas e o turismo. E enquanto mantêm tudo de pé, ninguém olha.

### *Reflexão – Montana*

Cada estado do volume mostra uma forma de ausência. Montana mostra aquela produzida por uma geografia que devora tudo.

Aqui, as mulheres não são apagadas pela violência nem pela pobreza extrema. São apagadas por quilômetros de nada, por

invernos que isolam, por uma cultura que não muda, por um papel que não podem recusar.

É um apagamento lento, silencioso. Um dos mais difíceis de reconhecer, justamente porque não faz barulho.

## NEBRASKA

Nebraska é terra aberta, linear, plana. Campos imensos, vento constante, céus sem fim. Por fora: calma. Por dentro: isolamento, lentidão, comunidades conservadoras, trabalho duro no campo e pouquíssimas oportunidades.

É um estado que vive a meio caminho entre o Meio-Oeste e o Oeste, mas sem os pontos fortes de nenhum dos dois.

Aqui, as mulheres não desaparecem por causa do caos. Desaparecem por causa de uma normalidade pesada, da rotina agrícola, de papéis que não mudam, da solidão geográfica.

Nebraska não faz barulho, mas consome.

### *A mulher da fazenda – 40 anos*

A mulher de Nebraska é parte integrante da fazenda: – acordar ao amanhecer – animais para cuidar – refeições para todos – contabilidade da família – plantações para acompanhar – manutenção da casa – filhos para criar – emergências repentinas.

Ela trabalha tanto quanto os homens, muitas vezes mais. Mas consta como “desempregada”.

A ausência dela é econômica: produz valor, mas não existe nos dados.

### *A mulher das cidades pequenas – 46 anos*

Lugarejos de poucos milhares de pessoas, onde todo mundo sabe tudo de todo mundo.

A mulher precisa ser: – uma mãe presente – uma esposa estável – uma figura respeitável – ativa na igreja – um apoio para a comunidade.

Ela não pode se permitir atalhos, crises ou mudanças repentinas. Vive dentro de um papel fixo, decidido por outros.

A ausência dela é cultural: ela tem um lugar, mas não uma voz.

### *A mulher que trabalha em serviços leves – 32 anos*

Nas cidades de Nebraska — Lincoln, Omaha, Grand Island — as mulheres fazem o trabalho do dia a dia:

– caixas – limpeza – alimentação – auxílio escolar – casas de repouso – secretariado

Salários baixos, turnos picados, nenhuma perspectiva. A ausência dela é social: sem ela a cidade não funciona, mas ninguém a menciona quando se fala em “desenvolvimento”.

### *A mulher das distâncias – 53 anos*

Nebraska é um estado onde você pode dirigir duas horas sem ver uma cidade de verdade. Essa distância se torna um modo de vida.

A mulher que vive fora das cidades enfrenta: – longas viagens para qualquer necessidade – pouca assistência médica – invernos rigorosos – casas isoladas – rotina monótona – nenhuma rede social de verdade.

A ausência dela é geográfica: ela desaparece nos quilômetros.

### *Epílogo – Nebraska*

Nebraska é uma terra que parece simples, mas a simplicidade é só superficial.

As mulheres aqui desaparecem em: – trabalho agrícola não remunerado – comunidades fechadas – distâncias extremas – falta de serviços – papéis rígidos.

É uma ausência feita de terra, tradição e silêncio.

### *Reflexão – Nebraska*

Cada estado mostra uma forma de ausência. Nebraska mostra aquela construída por um cotidiano que nunca muda.

Não há violência evidente, não há crise espetacular. Há apenas uma vida que se repete, um esforço que não é reconhecido, um papel que não se pode abandonar. Nebraska é o estado onde as mulheres mantêm tudo unido e, justamente por isso, não são vistas.

E é por isso que merece este capítulo: porque o apagamento mais comum é aquele que parece normal.

## NEVADA

Nevada é um estado construído sobre as aparências. Luzes, cassinos, hotéis, entretenimento, turismo, jogo, vida noturna sem fim. Uma vitrine que o mundo enxerga como liberdade, excesso e possibilidade.

A verdade é o contrário.

Nevada é um dos lugares onde o corpo feminino é mais facilmente usado, explorado, consumido e substituído. Um lugar onde as

mulheres desaparecem não por falta de oportunidades, mas porque a presença delas é tratada como mercadoria.

A ausência feminina aqui é moderna, lúcida e intencional. Um apagamento elegante, contínuo e limpo. Feito de horários impossíveis, turnos noturnos, pressão estética, uma identidade desgastada e papéis impostos pela indústria do turismo.

### *A Senhora dos Cassinos e dos Hotéis – 33 anos*

Las Vegas só prospera porque milhares de mulheres tocam: – a recepção – a limpeza dos quartos – os restaurantes – os bares – o entretenimento – o atendimento ao cliente – a coordenação – as centrais de atendimento turístico.

Turnos noturnos, fins de semana cancelados, férias inexistentes, pressão constante. As mulheres precisam manter uma imagem perfeita, mesmo quando não lhes resta nenhuma energia por dentro. A ausência dela é física e psicológica: ela trabalha num sistema que a usa como "parte da experiência", não como pessoa.

### *A Mulher Que Trabalha no Setor Noturno – 29 anos*

Nevada à noite não é glamorosa. É dura. Entre as luzes, a música e os espetáculos, vidas são consumidas:

– recepcionistas – dançarinas – bartenders – promotoras – funções ligadas à imagem e à presença estética

O seu corpo faz parte do contrato. Se você não der conta, eles te substituem em um minuto.

A ausência dela é econômica e moral: o trabalho exige a imagem dela, não a pessoa dela.

### *A Imigrante Que Toca os Bastidores – 41 Anos*

Por trás dos mega-hotéis há centenas de mulheres imigrantes: filipinas, mexicanas, haitianas, centro-americanas.

São elas que fazem todo o trabalho que os turistas não devem ver:

– lavanderias industriais – limpeza contínua – cozinhas subterrâneas – depósitos enormes – coordenação noturna – preparação dos andares

Vidas escondidas. Corpos cansados. Turnos desumanos. A ausência dela é sistêmica: ela é essencial, mas tratada como invisível.

### *A Mulher Que Vive Fora de Las Vegas – 52 anos*

Nevada não é só luzes. É também o deserto ao redor: cidadezinhas, casas baixas, serviços escassos, indústrias isoladas.

As mulheres aqui enfrentam: – custos proibitivos – saúde limitada – falta de transporte – distâncias enormes – comunidades duras e mal conectadas – oportunidades limitadas.

Ela leva uma vida oposta àquela que o mundo associa ao Estado.

A ausência dela é geográfica: ela não vive na Nevada das luzes, mas na Nevada real.

Ninguém fala dela.

### *Epílogo – Nevada*

Nevada é um estado construído sobre a performance. Tudo gira em torno de imagem, experiência e entretenimento.

As mulheres são o motor silencioso que faz essa máquina girar: hotéis, cassinos, restaurantes, entretenimento, manutenção,

coordenação.

E, no entanto, são as menos valorizadas. São elas que sustentam os sonhos dos outros enquanto vivem uma realidade dura, desgastante e invisível.

Nevada as apaga exatamente como as usa.

### *Reflexão – Nevada*

Todo estado mostra um rosto da ausência. Nevada mostra o mais moderno: mulheres reduzidas a funções econômicas.

Não é a pobreza que as apaga. É o sistema.

É uma ausência construída: silenciosa, elegante, disfarçada de oportunidade. As mulheres têm mil possibilidades, mas existem mil maneiras de consumi-las.

E é por isso que este capítulo é crucial: porque, no meio das luzes, quem as acende todos os dias é quem menos se vê.

## NEW HAMPSHIRE

New Hampshire tem liberdade, bosques, lagos, colinas, vilarejos perfeitos, estradas tranquilas e impostos quase zero. Visto de fora, parece um paraíso minimalista: nada de caos, nada de barulho, nada de cidades enormes. Só ordem e natureza.

### *O problema é que liberdade total muitas vezes significa solidão total.*

E quando o estado investe pouco em serviços públicos, o peso cai em cheio sobre as pessoas — principalmente sobre as mulheres.

Aqui, a ausência das mulheres não é uma tragédia. É isolamento, costumes culturais rígidos, pressão familiar e falta de redes sociais

reais.

New Hampshire não ataca. Deixa você sozinha.

### *A Mulher da Pequena Comunidade – 47 anos*

Nos vilarejos de New Hampshire, tudo parece calmo. Tudo é fechado.

A mulher precisa ser: – uma mãe confiável – uma figura social respeitada – voluntária nas escolas – presente na comunidade – uma "boa pessoa" segundo os códigos locais.

Ela não pode errar. Não pode se afastar demais da norma. Não pode se dar ao luxo de crises emocionais.

A ausência dela é cultural: ela tem um papel, mas não liberdade.

### *A Mulher Que Vive no Frio e na Distância – 52 anos*

New Hampshire não é grande, mas é cheio de áreas isoladas, casas distantes umas das outras e estradas que viram obstáculos no inverno.

A mulher aqui convive com: – meses de neve – distâncias que complicam tudo – problemas de saúde tratados tarde – isolamento mental – uma rotina doméstica que não deixa espaço – pouca assistência de saúde local.

Se ela cai, espera. Se está doente, dirige quilômetros. Se desmorona emocionalmente, ninguém percebe.

A ausência dela é geográfica: ela desaparece no silêncio e no frio.

### *Trabalhos Essenciais – 38 anos*

Nas cidades médias — Concord, Manchester, Nashua — as mulheres tocam os serviços básicos:

– escolas – clínicas – cuidado de idosos – repartições públicas – ensino fundamental – serviços administrativos

Salários baixos, responsabilidades muito maiores que o salário, cargas emocionais constantes.

A ausência dela é operacional: ela mantém de pé o que resta do sistema de bem-estar social, mas o Estado investe pouco nos setores dela.

É essencial, mas exaustivo.

### *A Mulher Que Trabalha em Empregos Mal Pagos nas Áreas Turísticas – 33 Anos*

O norte do estado vive do turismo: a folhagem de outono, os lagos, as montanhas, o inverno.

Por trás das imagens perfeitas há mulheres que: – limpam as instalações – preparam cafés da manhã – trabalham em restaurantes – administram B&Bs – arrumam quartos – fazem pequenos serviços de manutenção.

Temporadas cheias e temporadas vazias. Uma economia instável. Zero proteção real.

A ausência dela é econômica: tudo funciona em cima dela, mas o sistema a considera substituível.

### *Epílogo – New Hampshire*

New Hampshire é organizado e tranquilo. E é justamente por isso que a mulher desaparece sem fazer barulho.

Ela desaparece entre: – papéis tradicionais – comunidades fechadas – distância física – inverno sem fim – serviços insuficientes – trabalhos essenciais mal pagos.

Não há alarde. Não há caos. Só uma solidão que vira norma.

### *Reflexão – New Hampshire*

Todo estado mostra uma forma diferente de ausência. New Hampshire mostra a "perfeita": um apagamento educado, limpo e organizado.

Aqui a mulher governa as comunidades, mas não tem comunidades que cuidem dela.

É o paradoxo da Nova Inglaterra: quanto mais civilizado você é, mais espera que a mulher resolva tudo sozinha.

E é por isso que este capítulo é necessário: para lembrar que até estados aparentemente "bons" podem ser terríveis para se viver.

## NEW JERSEY

New Jersey é um território de fronteira: conectado, frenético, caro, sobrecarregado de gente que vai e volta do trabalho todos os dias, cheio de famílias mistas, imigrantes, bairros duros, subúrbios caros e cidades esquecidas. Não é a Nova York "do outro lado da ponte". É um estado complexo, fragmentado, onde as mulheres governam um sistema que consome mais do que devolve.

A ausência das mulheres aqui nasce de cinco elementos duríssimos: – custo de vida extremamente proibitivo – trabalho doméstico invisível – deslocamentos exaustivos – comunidades multiétnicas com tensões reais – papéis familiares tradicionais que resistem.

New Jersey não apaga as mulheres com violência. Apaga com o esforço de existir entre mil funções.

### *A Mulher Que Vai e Volta – 36 anos*

New Jersey é um estado de quem vai e volta. Horas são perdidas todos os dias para chegar a Nova York ou à Filadélfia: trens atrasados, trânsito impossível, custos altos de transporte e voltas para casa tardíssimas.

A mulher que leva essa vida vive "pela metade": – metade no trabalho – metade no transporte público – metade em casa (que, ironicamente, ocupa mais da metade da carga familiar)

A ausência dela é temporal: ela não tem tempo para si. Não tem tempo para nada.

Ela existe nos recortes.

### *A Imigrante dos Serviços – 42 anos*

(latina, haitiana, africana, filipina)

New Jersey prospera com a força dos imigrantes. A mulher aqui sustenta o palco do estado inteiro: – faxina nas casas dos ricos – babá sem registro – cozinhas de restaurantes – casas de repouso – manutenção – serviços básicos mal pagos

Ela enfrenta três problemas ao mesmo tempo: – salários baixos – aluguéis altíssimos – responsabilidades familiares enormes.

A ausência dela é econômica e linguística: ela trabalha, fala, se adapta, mas continua à margem do sistema.

É indispensável, mas sempre substituível.

### *A Mulher dos Bairros Duros – 34 anos*

New Jersey não é só arrogância rica. Tem algumas das cidades mais problemáticas do Leste:

– violência urbana – escolas sem verba – desemprego – saúde frágil – falta de serviços comunitários reais

A mulher que vive aqui enfrenta: – insegurança constante – empregos precários – transporte ineficiente – um custo de vida desproporcional aos salários.

Ela é o pilar das famílias monoparentais, a espinha dorsal das redes sociais, a figura que salva tudo quando ninguém a salva.

A ausência dela é urbana e estrutural: ninguém a escuta quando o sistema falha.

### *A Mulher do Orgulho Rico – 45 anos*

O outro lado de New Jersey são os subúrbios ricos: casas enormes, escolas excelentes, bairros arrumados.

As mulheres aqui vivem sob pressão constante: – uma agenda familiar lotada – as atividades dos filhos – voluntariado forçado – uma imagem social impecável – o casamento instituído como símbolo de status – expectativas altíssimas.

Ela não pode parecer frágil. Não pode falhar. Não pode interromper a performance.

A ausência dela é uma questão de identidade: ela é vista como uma função da família, não como um indivíduo.

### *Epílogo – New Jersey*

New Jersey é um estado que vive rápido demais e caro demais. São as mulheres que de fato o fazem funcionar, mas o sistema as apaga enquanto as usa.

– deslocamentos – trabalhos invisíveis – serviços insuficientes – bairros perigosos – subúrbios hipercompetitivos – papéis

familiares rígidos – multiculturalismo sem apoio real

O estado funciona graças a elas, mas nunca olha para o esforço delas.

### *Reflexão – New Jersey*

Todo estado mostra alguma forma de ausência. New Jersey mostra a que nasce de um sistema que espera demais e devolve de menos.

É o estado do meio-termo: perto demais dos centros de poder, longe demais das oportunidades deles. Aqui as mulheres vivem num estado de compressão constante: de tempo, de dinheiro, de energia, de identidade.

Não é culpa de um único fator. É a soma de todos.

E é justamente isso que torna New Jersey central neste volume: ele mostra como a ausência feminina pode nascer de uma vida cheia — cheia de tudo, menos de espaço para si mesma.

## NEW MEXICO

New Mexico é um dos estados mais fascinantes e difíceis dos Estados Unidos. Pura beleza: desertos imensos, cânions vermelhos, comunidades nativas, cultura antiga, espiritualidade, silêncio. Mas por trás dessa estética poderosa há uma realidade muito mais dura:

– pobreza histórica – dependências crônicas – serviços públicos fracos – isolamento geográfico – escolas frágeis – violência doméstica escondida – narcotráfico na fronteira

É um estado onde as mulheres não desaparecem por acaso: desaparecem porque vivem num território onde tudo pesa — a

distância, a história, a cultura, a pobreza, as comunidades fechadas, os empregos precários.

New Mexico é beleza abandonada. E dentro desse abandono estão as mulheres que seguram tudo.

### *A Mulher Nativa dos Pueblos – 43 anos*

New Mexico tem uma das maiores populações indígenas das Américas: mulheres pueblo, navajo e apache.

Ela vive entre dois mundos: – tradições antigas – um Estado moderno que a ignora.

Ela enfrenta: – escolas sem verba– saúde mínima– moradias superlotadas– salários baixos– acesso limitado aos serviços básicos– isolamento cultural e geográfico.

Ela sustenta famílias grandes, comunidades inteiras e responsabilidades pesadas.

A ausência dela é histórica: nos últimos cem anos, o Estado tirou tudo do seu povo e não devolveu quase nada.

### *A Mulher Latina das Áreas Pobres – 35 anos*

New Mexico é mais latino do que americano. Espanhol por toda parte, famílias mistas e trabalho duro.

As mulheres latinas estão por toda parte nos bastidores do estado: – limpeza – alimentação – assistência – agricultura leve – pequenos comércios locais – apoio comunitário.

Vivem com salários baixíssimos e custos que só sobem. Muitas famílias vivem no limite. Sem documentos, a situação é ainda mais frágil: medo, invisibilidade, nenhuma ajuda real.

A ausência dela é econômica e política: ela trabalha duro, mas nunca é representada.

### *A Mulher Que Vive Longe de Tudo – 52 anos*

New Mexico é enorme, mas vazio. Cidadezinhas minúsculas, casas no deserto, cidades a horas de distância umas das outras.

A mulher aqui enfrenta: – solidão total – saúde distante – transporte zero – invernos duros, verões implacáveis – uma rotina que nunca muda – pouco trabalho – dependências espalhadas ao redor.

Se ela cai, ninguém vem. Se precisa de um médico, dirige horas. Se tem problemas, resolve sozinha.

A ausência dela é geográfica: ela desaparece no espaço.

### *A Mulher Que Trabalha no Setor Turístico-Espiritual – 30 anos*

New Mexico atrai um turismo "espiritual": arte, meditação, desertos, retiros, cultura nativa.

Por trás da imagem poética há mulheres que sustentam a economia: – B&Bs– guias culturais– galerias– pequenos restaurantes– lojas de artesanato– serviços sazonais.

É um setor instável: ganhos excelentes na alta temporada, quase nada nos outros meses.

A ausência dela é econômica: a beleza da região atrai dinheiro, mas não o retém para quem vive ali.

### *Epílogo – New Mexico*

New Mexico é um estado que existe entre dois extremos: beleza absoluta e pobreza crônica. Espiritualidade profunda e abandono político. Tradição forte e serviços fracos.

As mulheres aqui carregam tudo nas costas: comunidades nativas, famílias latinas, desertos isolados, cidades de arte, empregos mínimos.

E enquanto elas sustentam o estado, ninguém as sustenta.

É uma ausência que não faz barulho porque a paisagem é bonita demais. E a beleza cobre tudo.

### *Reflexão – New Mexico*

Cada estado mostra uma forma diferente de ausência. New Mexico mostra a que é criada pela distância e pela história não resolvida.

Aqui a mulher não é apagada por uma única força. É apagada por tudo junto:

– geografia – cultura – tradição – pobreza – isolamento – papéis familiares – falta de serviços – invisibilidade política

É um apagamento antigo. Quase hereditário.

E é por isso que este capítulo é crucial: porque New Mexico não é um lugar esquecido pelo tempo. É um lugar esquecido pelo Estado. E as mulheres pagam por isso todos os dias.

## ESTADO DE NOVA YORK

Nova York não é uma cidade. É um impacto no corpo. É uma onda que te agarra e te arrasta mesmo que você não queira. É uma

presença que não pede licença. Você entra aqui e entende na hora que não é você quem decide o que ela decide.

É o único lugar do mundo onde você pode estar cercada por milhões de pessoas e ainda assim se sentir mais sozinha do que num deserto. É uma cidade que te observa, te mede, te avalia, te consome e, se você não acompanha o ritmo, te deixa para trás sem olhar para trás.

Nova York não te acolhe. Te avalia.

É a capital do mundo, mas também a capital do invisível. A cidade que só mostra os vencedores, esquecendo as milhares de mulheres que fazem cada centímetro dela funcionar. Aquelas que sustentam a vida dos outros enquanto ninguém as sustenta.

Nova York é tudo ao mesmo tempo: riqueza ostentada com violência e pobreza que já não tem voz, bairros que mudam de cara em cinco anos e bairros que não mudam há cinquenta, línguas que se misturam, culturas que se sobrepõem, corpos que se cruzam, vidas que nunca conversam de verdade entre si.

É uma cidade construída sobre o movimento constante: subir e descer de trens lotados, andar por ruas sujas e iluminadas, procurar um trabalho que te mantenha à tona, correr para entregar pedidos, ir para a clínica, para a escola, para casa, para os turnos, em mil direções diferentes. É um território que te promete muito, mas só te dá o que você arranca.

Nova York funciona graças às mulheres que seguram os pedaços que os outros ignoram: as que trabalham nos últimos andares dos arranha-céus, as que limpam o chão dos andares de baixo, as que criam os filhos de famílias que não têm tempo, as que sobrevivem em bairros que ninguém quer olhar, as que enfrentam uma cidade que te pede tudo e sempre te deixa pela metade.

Aqui a mulher vive três níveis de pressão ao mesmo tempo:

***1. A pressão do ritmo:***

se você desacelera, desaparece. Nova York não espera ninguém e não abre exceções para você.

***2. A pressão do custo:***

tudo aqui custa caro demais — casa, tempo, energia, identidade. E cada dia vira um desafio financeiro.

***3. A pressão da presença:***

você sempre precisa estar lá, precisa resistir, precisa funcionar, precisa aguentar.

Mas quem sustenta você?

Nova York é linda e cruel: te dá oportunidades reais, mas cobra um preço altíssimo.

A mulher aqui não é uma presença frágil. É uma máquina de sobrevivência diária. É ela quem leva adiante as escolas, os hospitais, os restaurantes, a limpeza, os serviços públicos, os transportes, as famílias, os arranha-céus, as empresas e os bairros.

E, no entanto, na história da cidade, a voz dela não é central. É pano de fundo. É funcional. É necessária, mas não celebrada. Presente, mas não ouvida.

Nova York é a cidade que põe tudo em exibição, menos quem realmente a faz funcionar.

E é justamente por isso que ela ocupa um lugar diferente neste volume. Não é um estado como os outros. É o ponto onde convergem todas as ausências femininas dos Estados Unidos: a

econômica, a cultural, a urbana, a linguística, a racial, a profissional e a emocional.

É o microcosmo de tudo o que funciona e de tudo o que não funciona.

Aqui as mulheres estão em toda parte. E, no entanto, podem desaparecer num segundo. Basta que o ritmo delas desacelere o da cidade.

Nova York é grande, mas não grande o bastante para conter o peso da vida de uma mulher. E este capítulo prova isso: a cidade mais famosa do mundo não é a mais justa. É só a mais visível. E no barulho imenso do seu dia a dia, a mulher se perde em silêncio.

Manhattan

### *Olivia, 39 – Midtown, escritórios nas alturas e uma vida corrida*

Olivia pega o metrô às 7h10. Linha 6, em pé, celular na mão, os olhos já presos no fluxo de e-mails.

Ela trabalha no vigésimo sétimo andar de um prédio de vidro em Midtown. É gerente de projetos de uma empresa que vende serviços que ninguém consegue explicar direito. Todo mundo fala de números, previsões, metas trimestrais. Ninguém fala de pessoas.

Olivia tem uma filha de seis anos que fica acordada com ela duas horas por dia. De manhã, para vesti-la, à noite, para colocá-la na cama. O resto é delegado: babá, escola, atividades depois da aula, mensagens rápidas.

O chefe dela pede “flexibilidade”, mas a flexibilidade é sempre de um lado só: – reuniões que se alongam – ligações fora de hora –

emergências inventadas – projetos que precisam ficar prontos “até hoje à noite”.

Manhattan é vendida como a cidade das oportunidades. Para Olivia, é uma cidade que rouba o tempo dela e o vende de volta em forma de entregas em domicílio, lavanderia e serviços pagos.

À noite, quando ela sai do escritório, as luzes dos prédios parecem uma zombaria. Tudo brilha, menos a vida dela.

A ausência de Olivia não sai barato. Consome tempo. Ela está presente em toda parte, menos onde mais importa.

Eu, Nando, quando a vejo atravessar a Terceira Avenida com o passo rápido de quem não pode se dar ao luxo de desacelerar, vejo uma coisa simples: uma mulher que sustenta uma cidade que nunca vai sustentá-la.

— Nando

Brooklyn

### *Aisha, 31 – Bedford-Stuyvesant, a gentrificação ao contrário*

Aisha nasceu em Bed-Stuy, um bairro historicamente negro. Rap, história, famílias, igrejas e churrascos de verão na calçada.

Depois chegaram os “artistas”, os investidores, as cafeterias novas, os cachorros de raça na coleira e os preços subindo sem nenhuma lógica. O roteiro de sempre.

Aisha trabalha numa escola pública do bairro. Os alunos dela vêm de famílias que enfrentam despejo todo ano. Muitos dos seus colegas de infância já não moram lá, empurrados para fora por projetos de “revitalização”.

Ela ensina, escuta, administra conflitos, protege. De dia, é professora, psicóloga, irmã mais velha e muro de proteção. À noite, corrige lições sentada à mesa de uma cozinha alugada, com medo de que um dia não consiga mais pagar aquela casa.

A cidade celebra o Brooklyn como "descolado". Aisha não tem tempo para ser "descolada": ela precisa sobreviver.

A ausência dela é urbana e política: o bairro sobre o qual todo mundo especula é o único que ninguém escuta de verdade.

— Nando Queens

### *María Fernanda, 42 – Jackson Heights, três mundos em um*

corpo

María Fernanda é do Equador. Mora em Jackson Heights, no Queens: o lugar onde se falam dez línguas diferentes num único quarteirão, e nenhuma delas é a língua do poder.

Ela trabalha à noite limpando escritórios em Manhattan e de dia como babá, quando precisam. O sono é um luxo contado por hora.

Ela tem dois filhos: um nascido em Quito, um nascido em Nova York. O mais velho pergunta por que ela nunca está em casa. O mais novo acha que a mãe vive sempre com pressa.

María manda dinheiro para a mãe, que ficou no Equador. Ela sustenta dois continentes. Com um só corpo.

A vida dela é um vaivém constante: Queens → Manhattan → Queens. Trens lentos, sacolas pesadas, pernas cansadas.

Ninguém a vê de verdade. Para os pais da menina americana de quem ela cuida, ela é "Mary". Para as colegas da limpeza, ela é "a

senhora que nunca para".

A ausência dela é linguística e social: ela faz funcionar a Nova York que trabalha, mas não pertence a nenhuma narrativa oficial.

Eu, Nando, a encontro num domingo de manhã na Roosevelt Avenue e a única coisa que penso é: este país só está de pé porque mulheres como ela não o deixam cair. — Nando

Bronx

### *Keisha, 29 – South Bronx, resistência diária*

Keisha mora no South Bronx. Prédios gastos, sirenes frequentes, lojas baratas, crianças brincando em calçadas quebradas.

Ela está criando dois filhos sozinha. O pai deles sumiu anos atrás, entre promessas e pedidos de desculpa.

Ela trabalha num supermercado, no turno da noite: – caixa rápido – clientes nervosos – gerentes que controlam cada minuto – um salário que nunca é suficiente.

De dia, ela corre: – leva os filhos para a escola – conversa com os professores – discute com o órgão que administra os auxílios – faz as compras contando cada dólar.

Ela não tem tempo para pensar em si mesma. Só sabe que precisa manter aquelas duas crianças de pé.

O Bronx ainda é retratado como um problema. Keisha é a solução que ninguém reconhece: a mãe que sustenta um bairro que os políticos só usam como cenário.

A ausência dela é estrutural: ela está no centro de tudo o que acontece, mas para o sistema ela não existe.

— Nando

Staten Island

### *Gina, 45 – a que vai e volta, invisível, entre duas cidades*

Gina mora em Staten Island. Trabalha num escritório de seguros em Manhattan. Todo dia é a mesma rotina:

– ônibus – balsa – metrô – escritório – e depois tudo de volta ao começo.

Para quem mora em Manhattan, Staten Island mal existe. Um pontinho no mapa, o fundo da pilha. Para Gina, porém, é a casa dela. Mas é também uma gaiola.

Ela gostaria de mudar de emprego, mas toda oportunidade séria fica longe. Gostaria de ter mais tempo para os filhos, mas o entrega ao transporte. Gostaria de não estar cansada toda noite, mas a cidade não trata bem quem vive nas suas bordas.

A ausência dela é temporal e espacial ao mesmo tempo: ela vive num lugar que a isola e trabalha num lugar que a usa.

Eu, Nando, a imagino em pé na balsa, copo de café na mão, os olhos perdidos no skyline. Nova York na frente dela. A vida dela fica no meio.

— Nando

Wall Street

### *Rachel, 37 – a mulher que não pode desmoronar.*

Rachel trabalha no setor financeiro. Ela não tem o luxo de ser medíocre. Não naquele ambiente. Não sendo mulher.

Ela aprendeu a falar mais rápido, a nunca errar o tom, a nunca mostrar hesitação. Ninguém perdoa um colapso, mas o de uma mulher fica marcado para a vida toda.

Os dias são máquinas: números, gráficos, ligações, reuniões, e-mails em cadeia, jantares de negócios, decisões tomadas às pressas demais com consequências grandes demais.

Quando ela volta para casa, está vazia. Não triste: vazia. Não tem energia para construir nada fora do trabalho. Relacionamentos pela metade, amizades rompidas, família distante.

Nova York aplaude o sucesso das mulheres em Wall Street em conferências, eventos de empoderamento e painéis. Depois, assim que o microfone desliga, tudo volta ao normal.

A ausência dela é emocional: ela está presente em todas as salas onde as decisões são tomadas, mas teve de abrir mão de uma parte de si mesma para sentar ali.

Esta história não tem moral. Tem só uma partitura em aberto.

— Nando

Babá Latina

### *Dolores, 54 – Upper East Side, cria os filhos dos outros.*

Dolores vem do México. Mora em Nova York há vinte anos. Há vinte anos ela entra em casas que nunca serão dela.

Ela trabalha no Upper East Side, entre apartamentos enormes, porteiros, elevadores silenciosos e cozinhas maiores do que o apartamento inteiro de um quarto onde ela mora no Queens. Ela criou quatro crianças numa família que a considera “quase da família”. “Quase.” Uma palavra que diz tudo.

Ela os viu dar os primeiros passos, ouviu o choro deles, enxugou as lágrimas deles, preparou lanches, levou-os à escola, filmou as tardes deles, ouviu as confissões deles.

Quando aquelas crianças crescem, vão embora. Dolores fica.

Naquela noite, ela volta tarde para casa. O filho biológico, agora adulto, ainda guarda por ela um certo respeito, misturado com ressentimento: ele a viu pouco quando era criança. Ela estava ocupada sendo mãe dos outros.

A ausência dela é dupla: uma mãe presente na vida dos outros, uma mãe ausente da própria família.

E os Estados Unidos resumem tudo numa frase só: “É o trabalho.”

— Nando

Mulher em Situação de Rua

### *Monique, 51 – Midtown, invisível entre milhões*

Monique dorme onde pode. Às vezes num abrigo, às vezes num pedaço de papelão em frente à vitrine de uma loja fechada, às vezes numa cadeira de alguma estação de metrô.

Um dia, ela teve uma casa, um companheiro, um emprego. Depois, a espiral de sempre: doença, dívidas, perda do emprego, colapso mental, ninguém em quem se segurar. Ela é negra, tem mais de cinquenta anos e um corpo que carrega cada inverno passado na rua.

De manhã, enquanto a cidade corre para o trabalho, ela está ali. Mesma rua, mesma esquina, mesmo olhar que ninguém quer cruzar.

A ausência dela é total: para o sistema ela já não é nada. Nem trabalhadora, nem consumidora, nem "útil". Portanto, ela não existe.

Eu, Nando, toda vez que vejo uma mulher na rua em Nova York, me faço a mesma pergunta seca: quantos degraus o Estado teve de pular para ela acabar aqui?

A resposta é sempre a mesma: degraus demais. Nando

Grande Hospital

### *Sofia, 34 anos – enfermeira entre dois turnos e sem*

fôlego

Sofia entra no hospital quando muitos ainda dormem. O turno é das 7h às 19h. Se tudo correr bem. Porque em certos setores o "se tudo correr bem" não existe.

Ela trabalha num grande hospital de Manhattan. Corredores sem fim, luzes de neon, alarmes, monitores, vozes embargadas, corpos ligados a máquinas, parentes fazendo perguntas, médicos passando às pressas.

Sofia não pode se dar ao luxo de desabar. Cada gesto tem consequências. Cada distração pesa.

No fim do turno, ela ainda carrega: – histórias que não terminam – olhares que ela não esquece – notícias que teve de dar em voz baixa – responsabilidades que ninguém pode tirar dela. Fora do hospital, Nova York corre como se nada estivesse acontecendo. Lá dentro, ela sustenta a parte mais frágil da cidade.

A ausência dela é emocional e institucional ao mesmo tempo: ela está no coração do sistema de saúde, mas a voz dela não conta tanto quanto a resistência dela.

Eu, Nando, vendo essas mulheres de uniforme saírem exaustas de um turno, entendo uma coisa simples: se um dia todas decidissem parar juntas, a cidade desabaria em 48 horas.

— Nando

Restaurantes

### *Giulia, 27 – Lower East Side, pratos, mesas e dignidade*

comprimida

Giulia é ítalo-americana, mas da Nova York que os italianos de verdade já não conhecem. Não a Little Italy de cartão-postal, mas turnos sem fim num restaurante do Lower East Side.

Ela é garçonete, mas faz muito mais: – psicóloga improvisada – para-raios de clientes nervosos – amortecedor entre a cozinha e o salão – presença estética para exibir – corpo sempre ereto, sorriso sempre no rosto

As gorjetas decidem se a semana é de sustento ou de alívio. O salário-base é ridículo, como sempre no setor.

No fim da noite, fazem a ela a pergunta mais idiota de todas: “E o que você faz de verdade da vida?”

Como se aquilo não fosse “de verdade” trabalho. A ausência dela é social: todo mundo precisa dela quando está com fome, ninguém a leva em conta quando se trata de direitos.

Eu, Nando, tenho mais respeito por uma mulher que dá conta de um turno de oito horas no salão do que por alguém sentado à mesa que se acha mais importante só porque paga.

— Nando

Indústria Criativa

### *Leah, 36 – Brooklyn, uma criativa que nunca consegue desligar o*

cérebro.

Leah trabalha como roteirista e produtora numa produtora entre o Brooklyn e Manhattan. Séries, campanhas, conteúdos. Sempre algo para inventar, sempre alguém para convencer, sempre um prazo ridículo.

Na festa de lançamento de um novo projeto, todo mundo fala de "visão", "storytelling" e "novas narrativas". Ninguém fala das noites sem dormir, das revisões sem fim, das ideias roubadas, nem do burnout disfarçado de "paixão pelo trabalho".

Leah mora num apartamento dividido em Bushwick. Talvez ela tenha "feito carreira", mas o custo da cidade engole qualquer avanço.

A ausência dela é profissional: Nova York vende a criatividade como liberdade, mas a criatividade dela está amarrada a orçamentos, ligações, pedidos absurdos, pressão constante.

Ela produz imaginação. Outros a monetizam.

— Nando

Freelancer em Pedaços

### *Priya, 33 – três trabalhos, zero segurança*

Priya nasceu no Queens, filha de pais indianos. É instruída e tem a cabeça cheia de ideias, mas o mercado de trabalho de Nova York lhe entregou um pacote claro: freelancer para a vida toda.

Ela faz design gráfico para agências que a chamam de "colaboradora externa", escreve conteúdos para marcas que nunca a mencionam e, de vez em quando, dá cursos rápidos para conseguir pagar o aluguel.

Ela não tem férias, nem licença médica, nem bônus, nada garantido. Só tem responsabilidades.

De dia, entrega trabalhos. À noite, confere os e-mails torcendo para não receber mais um "precisamos de um milagre até amanhã".

A cidade gosta de dizer: "Aqui, se você tem talento, você chega lá." Mas a verdade é outra: aqui, se você tem talento, eles te espremem até não sobrar nada de você.

A ausência dela é contratual: ela cuida de pedaços de comunicação, campanhas e projetos, mas no papel é sempre "terceirizada".

Eu, Nando, vejo com clareza a armadilha no rosto de uma pessoa como você: trabalho cheio, vida vazia.

— Nando

Moradia Popular

### *Tanya, 44 – East Harlem, mãe, cuidadora, alvo*

Tanya mora num conjunto habitacional público no East Harlem. Os prédios são velhos, malconservados, os elevadores quebram com frequência e as escadas estão gastas.

Ela é mãe de três filhos. Trabalha como assistente numa escola do bairro. Paga um aluguel baixo, mas o preço verdadeiro é outro: viver num lugar que o Estado já não considera seu.

Cada dia se divide entre: – trabalho – reuniões na escola – vizinhos para ajudar – burocracia dos auxílios – a angústia pelos filhos que crescem num ambiente complicado – barulho de brigas, polícia, sirenes.

A ausência dela é política: o bairro dela só existe quando é preciso uma foto para falar de “problemas sociais”.

Enquanto isso, quem o mantém vivo é ela, e mulheres como ela, que funcionam como um muro contra tudo.

Nova York fala de desenvolvimento, revitalização e investimentos. Mas quando você sobe as escadas de certos prédios, percebe que muitos estão abandonados há anos.

— Nando

Violência Doméstica

### *Rosa, 38, Queens, presa entre o medo e os documentos.*

Rosa é da República Dominicana. Mora num apartamento dividido num trecho interminável do Queens.

Ela tem um marido que trabalha de vez em quando e que alterna: dias em que pede desculpas, dias em que grita, dias em que empurra, dias em que bate. Rosa não vai embora por três motivos: – tem medo – não tem dinheiro – tem medo de perder a permissão para ficar no país.

À noite, quando ele dorme, ela finge que nada está acontecendo. De manhã, se maquia para cobrir os hematomas e vai trabalhar numa lavanderia.

O sistema diz a ela: “Ligue, peça ajuda, saia daí.” Mas a realidade é mais suja: abrigos lotados, listas de espera, assistentes sociais

sobrecarregadas, pouca proteção real.

A ausência dela é jurídica: ela está presa num vazio de leis, documentos, medo e falta de alternativas.

Eu, Nando, olho de fora e sei que a frase “se ela quiser, pode ir embora” é uma das mais falsas e covardes que este mundo já inventou.

— Nando

Bairros Ultraortodoxos

### *Chaya, 29 – Borough Park, uma vida definida antes de nascer.*

Chaya mora em Borough Park, no Brooklyn. Um bairro judeu ultraortodoxo. Regras rígidas, uma comunidade fechada, papéis atribuídos.

A vida dela foi decidida antes mesmo que ela pudesse ter uma opinião: – casamento muito jovem – muitos filhos – nenhuma autonomia real – o estudo religioso no centro – o mundo de fora visto como ameaça.

O dia dela é cheio: casa, filhos, compras, cozinha, rituais, pedidos constantes. Nunca um momento de silêncio verdadeiro, nunca um espaço só dela. Chaya tem pensamentos que não pode expressar. Perguntas que não pode fazer. Suspeitas do que pode existir lá fora, mas nenhum mapa para chegar lá.

A ausência dela é cultural e espiritual: ela está presente em cada gesto do seu mundo, mas não pode existir como indivíduo separado da estrutura.

Nova York aplaude a diversidade, mas aceita de bom grado que algumas mulheres vivam em gaiolas culturais “invisíveis”, desde

que não incomodem os outros.

— Nando

Salão de Manicure

### *Li Mei, 41 – Flushing, mãos perfeitas, vida consumida*

Li Mei trabalha num salão de manicure em Flushing, no Queens. Cliente após cliente, unha após unha, com cheiro de removedor de esmalte, de máscara, as costas curvadas.

Ela chegou da China há mais de dez anos. Encontrou trabalho na hora: dinheiro vivo, turnos longos, poucas perguntas.

Ela trabalha seis dias por semana, dez horas por dia. Às vezes mais.

Para as clientes, ela é um acessório do lugar: "a senhora que faz as unhas bem e em silêncio".

Ninguém se pergunta: – quanto dinheiro sobra no bolso dela – com que frequência ela respira produtos químicos – se ela tem plano de saúde – se ela consegue dormir à noite sem dor. A ausência dela é química e social: ela se desgasta devagar sob as luzes de neon, deixando bonitas as mãos dos outros, enquanto ninguém repara em como estão as dela.

Eu, Nando, a imagino fechando o salão à noite e contando o dinheiro. Não o lucro: a margem. A diferença entre ficar à tona ou afundar um pouco mais.

— Nando

Mulher da Noite

### *Jasmine, 28 – Times Square, luzes fortes, vida frágil*

Jasmine trabalha em casas noturnas que vivem depois da meia-noite. Ela não dança por arte. Dança para sobreviver.

Ela encara turnos longos, corredores escuros, gerentes que sorriem demais, clientes que confundem serviço com direito.

Ela aprendeu dez regras que não estão escritas em lugar nenhum: – sorria – não confie – não fique sozinha – não beba o que te oferecem – não mostre medo – fique de olhos abertos – não faça amizades – não acredite em nenhuma promessa – não pare – não volte para casa tarde sozinha.

Cada noite é um número de equilíbrio sobre um fio invisível. Ninguém a protege: nem as casas noturnas, nem a polícia, nem a cidade.

A ausência dela é moral: todo mundo sabe que ela existe, mas ninguém quer reconhecê-la como trabalhadora.

Eu, Nando, quando vejo garotas saindo das casas noturnas ao amanhecer, sei que a força não é glamorosa. É sobrevivência. — Nando Entregadora Karla, 30 – Queens → Manhattan, chuva, neve, calor, sempre na rua Karla trabalha com a bicicleta. Mochila térmica nas costas, celular no guidão, um aplicativo que decide tudo: – trajeto – pagamento – tempo – multa – próximo pedido Ela é a parte "inteligente" do sistema. A parte que ninguém quer olhar. Ela passa voando entre carros, táxis, buracos e semáforos implacáveis. Pedala na chuva, na neve, com o vento gelando o rosto. Tudo por alguns dólares pingados gota a gota. Naquela noite, ela volta para casa exausta. Nenhuma proteção, nenhuma segurança, nenhum seguro. A ausência dela é digital: ela só existe dentro dos aplicativos. Não fora deles. — Nando Mãe Solo do Fundo do Queens Erika, 33 – Far Rockaway, entre o oceano, a

distância e a pobreza Far Rockaway é Nova York, mas não necessariamente. É remota, desconectada e esquecida. Uma área que a cidade só usa para as estatísticas. Erika mora lá com dois filhos. Trabalha num supermercado. Todo dia ela faz o que pode:

– cria os filhos – veste as crianças – prepara o café da manhã – leva os dois para a escola – corre para o trabalho – atende clientes, balanças, caixas – volta para casa em ônibus demoradíssimos – cozinha – limpa – põe tudo em ordem

Ela é uma mãe que tem três vidas: a dela, a dos filhos e a do bairro.

A ausência dela é geográfica: ela mora longe demais para ser vista.

Eu, Nando, olho os mapas e as distâncias e sei uma coisa: quem mora em Far Rockaway vive todos os dias com uma deficiência invisível.

— Nando

Mulher da Comunidade Negra do Brooklyn

### *Latoya, 40 – Brownsville, rotina de sobrevivência*

Brownsville é um dos bairros mais castigados de Nova York. Pobreza antiga, serviços precários, escolas abandonadas.

Latoya tem dois empregos: de manhã numa escola, à noite numa casa de repouso.

O dia dela nunca acaba. Ela não tem horário. Não tem margem. Não tem trégua.

Todo mês você precisa decidir o que pagar primeiro: o aluguel? as contas? a comida? o transporte? os remédios?

A ausência dela é racial: numa cidade que gosta de se chamar de "progressista", as mulheres negras dos bairros pobres são as

últimas a desaparecer e só voltam a ficar visíveis quando há uma tragédia para postar na internet. — Nando Mulher da Tecnologia Hannah, 29 – Manhattan, startup, ansiedade, pressão, fingimento Hannah trabalha numa startup de tecnologia que fala de "diversidade", "inclusão", "o futuro" e "nova liderança". Depois, na prática: – homens no topo – homens que decidem – homens que lideram os projetos – homens que recebem os investimentos. Hannah faz todo o trabalho invisível: organizar, revisar, apresentar, lidar com os clientes e lidar com as emergências. Ela é boa. Tão boa que todo mundo se aproveita dela. Está em terapia há um ano por ansiedade e burnout. A ausência dela é cultural: a tecnologia se diz moderna, mas por dentro é velha. Eu, Nando, entendi que o "novo mundo" não muda enquanto não mudarem os que o governam. — Nando Imigrante Sem Documentos Yaritza, 26 anos – Bronx, trabalha em toda parte, vive escondida. Yaritza não existe para o Estado. Portanto, o Estado não existe para ela. Ela trabalha em três lugares fora do comum: – faxina num prédio residencial – cozinha numa delicatessen – babá quando precisam.

Ela recebe em dinheiro vivo. Nenhuma segurança. Nenhuma proteção. Nenhum direito.

Ela tem medo da polícia, medo da imigração, medo dos proprietários, medo de que uma denúncia a faça desaparecer para sempre.

A ausência dela é jurídica: ela vive na fresta entre dois mundos. É necessária, mas não reconhecida.

— Nando

Imigrante em Fuga

***Maha, 37, de Astoria, foge de um casamento forçado.***

Maha chegou do Oriente Médio há dois anos. Deixou para trás um marido abusivo, uma família que não queria a liberdade dela e uma cultura que não permite que uma mulher tome as próprias decisões.

Em Nova York, ela mora num quarto dividido em Astoria. Trabalha num mercadinho. Aprende inglês à noite assistindo a vídeos no celular.

Ela carrega dentro de si um medo antigo: que alguém da família a encontre. Que tudo volte a ser como antes. Que a liberdade acabe. A ausência dela é afetiva: ela existe pela metade, com um pé na vida nova e outro numa fuga eterna.

Nova York lhe deu a chance de desaparecer. Agora ela precisa aprender a existir.

— Nando

Mulher dos Quilômetros de Ruas, Metrô, Barulho, Corrida

Elena, 50 anos – Manhattan, uma vida passada na cidade que devora.

Elena mora na cidade há mais de trinta anos. Viu mudar bairros, prédios, lojas e rostos. Viu amigos irem embora, colegas perderem o emprego, famílias se desfazerem.

Ela ficou.

Trabalha como supervisora numa loja de departamentos. Turnos longos, responsabilidade pesada, pressão constante. Lidera equipes, atende clientes e salva dias que estavam perdidos.

Elena é a Nova York real: a que não aparece nos filmes. A que faz o sistema funcionar. A que não reclama, mas sente cada golpe.

A ausência dela é existencial: ela deu tudo à cidade, e a cidade só lhe devolveu resistência.

Eu, Nando, quando encontro mulheres que vivem aqui há vinte anos, entendo uma coisa que nenhum turista jamais vai entender: viver em Nova York é uma guerra lenta. E quem fica vence todos os dias sem comemorar.

— Nando

### *Epílogo*

Nova York é uma cidade que exige ser vista, mas nunca olha de verdade. É um lugar que entra em você como uma eleição que ninguém pediu: ou você a aceita, ou ela te esmaga.

Dentro desse caos perfeito, as mulheres são o eixo invisível que segura tudo. Estão nos trens, nas cozinhas, nos hospitais, nas escolas, nos arranha-céus, nos depósitos, nos bairros onde o poder nunca entra. Estão em toda parte, mas só são lembradas quando se precisa delas.

A cidade corre mais rápido do que a própria vida e, nessa corrida, consome quem de fato a sustenta. Nova York promete tudo: sucesso, oportunidade, salvação. Depois cobra um preço que não declara.

A verdade é simples: a cidade mais famosa do mundo prospera nas costas de mulheres que nunca saem nas capas.

Este capítulo as traz de volta à superfície. Uma por uma. História por história. Sem filtros. Sem romantizar. De costas retas, como

toda vida merece, ignorada enquanto carrega o peso de milhões de outras.

### *Reflexão*

Cada estado do volume mostra um tipo de ausência. Nova York contém todos. Aqui a ausência feminina é total e multiplicada: – ausência de tempo– ausência de proteção– ausência de espaço mental– ausência de reconhecimento– ausência de escuta– ausência de trégua– ausência de identidade própria– ausência de retorno pelo que é dado.

A cidade que vende a ideia de liberdade é a mesma cidade que obriga milhares de mulheres a sobreviver dentro de sistemas que não foram pensados para elas. São essenciais, mas descartáveis. Estão presentes, mas invisíveis. São o motor, mas não a narrativa.

Em Nova York, cada mulher enfrenta uma batalha diferente, mas todas dividem o mesmo chão: uma cidade que não para, nem diante da luta delas.

E é justamente por isso que estas páginas são necessárias: Nova York não é só skyline, arte, cultura, sucesso. É também ausência. Ausência feminina. A mais evitada, a mais autêntica, a mais constante.

### *Nota Pessoal*

Nova York é a minha casa. E justamente por ser a minha casa, eu não perdoo as mentiras dela.

Não me interessa descrever a cidade vista pelos turistas, pelos jornais, pelas séries de TV ou pelos sonhos dos outros. Me interessa a cidade que respira, que sangra, que se quebra e se reconstrói todos os dias nos ombros de pessoas reais.

Já vi o suficiente para entender uma coisa de forma definitiva: as mulheres aqui seguram o dobro e recebem a metade. Não porque sejam fracas, mas porque a cidade se acostumou com a força delas. E quando o mundo se acostuma com a sua força, para de te proteger. Eu, Nando, escrevi estas histórias porque não consigo aceitar que tudo isso passe em silêncio. Não consigo aceitar que quem move esta máquina inteira fique à margem da narrativa. Não consigo aceitar que o barulho da cidade abafe o barulho das vidas que a mantêm à tona.

Nova York é linda, mas não é inocente.

Estas páginas são a minha maneira de dizer isso, sem adoçar nada, sem tirar um grama de verdade, sem pedir licença a ninguém.

— Nando

*Ferdinando Frega*